

As revistas de universidades públicas e as grandes editoras privadas: a concentração de capital na contemporaneidade

Public universities journals and large private publishers: capital concentration nowadays

O mundo contemporâneo globalizado anuncia a intensificação das fusões e aquisições de empresas, envolvendo diversos setores econômicos. Agrupam-se empresas, cobrindo etapas que vão desde a produção de bens e serviços em escala planetária, até o varejo cada vez mais homogêneo, num caminho potencializado por poderosos investimentos publicitários criadores e criaturas de novos desejos de consumo personalizados, formando verdadeiros gigantes transnacionais a dominar mercados em proporções jamais vistas.

Em matéria intitulada “Após ano com recorde de fusões, expectativa é boa para 2016”, publicada em 05 de janeiro de 2016 na revista *Exame*, Manuel Baigorri¹ afirma:

Na verdade, as empresas parecem mais otimistas com a busca por fusões e aquisições do que no ano passado: em uma pesquisa da EY publicada em outubro, quase 60 por cento dos executivos disseram que esperavam realizar aquisições nos próximos 12 meses, contra 40 por cento um ano antes.

No plano internacional, telecomunicações, tecnologia e saúde parecem concentrar os interesses dos investidores no momento presente; o mundo das instituições financeiras também se encontra bastante ativo nesse quesito. A mídia jornalística brasileira especializada vem anunciando, quase todos os meses, as maiores compras e fusões de empresas em território nacional, o que passa pelos setores da educação (como o recente negócio firmado no âmbito do ensino superior), das bebidas (abarcando a produção de cervejas, refrigerantes, chás e água), alimentos (produção de carnes e derivados), mercados varejistas, comunicações... Enfim, se há crise econômica e/ou política no Brasil, ela parece estar equacionada nesse campo, que demonstra vigorosas ações no sentido da concentração de capitais e poderes no mercado de hoje.

¹ Acesso em: 25 de abril de 2016. Disponível em <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/apos-ano-com-recorde-de-fusoes-expectativa-e-boa-para-2016>.

E como fica a disseminação do conhecimento científico nesse cenário? O universo dos periódicos científicos encontra-se dominado pela iniciativa privada sediada nos países centrais, com suas poucas editoras de porte internacional e métricas que informam (como se verdades definitivas fossem) que ciência tem ou não qualidade. No caso brasileiro, a produção de conhecimento predomina nas universidades públicas, onde há um vasto leque de revistas científicas especializadas; contudo, para as principais agências de fomento à pesquisa e formação de pesquisadores e demais setores que avaliam a ciência nacional, o modelo hegemônico reside nas ciências da natureza que guardam cultura e tradição de publicação em periódicos internacionais em franco detrimento dos veículos aí sediados. Agrega-se a essas condições a redução cada vez mais intensa de recursos para as universidades públicas, como se pode notar no noticiário corrente.

Percebendo, então, de um lado, crescimento e concentração da iniciativa privada no setor educacional e na divulgação da produção do conhecimento e, de outro, enfraquecimento das universidades públicas e da redução de financiamento dos periódicos aí sediados (que não cobram para submissão ou acesso aos seus conteúdos), notamos o recente movimento desses editores no sentido de passar a cobrar pela submissão, avaliação e publicação de artigos e/ou sua versão em inglês (exigência para que sejam considerados qualificados no campo da ciência).

Diante desse cenário, deixamos no ar a pergunta, como quem anuncia um alerta: o que será das nossas universidades, da nossa pesquisa científica e dos nossos periódicos científicos?

Shirley Donizete Prado e Fabiana Bom Kraemer

Editoras